

FONTES PARA UMA HISTÓRIA DA PINTURA PAULISTA DO SÉCULO XVII AO XIX: OS PINTORES, AS OBRAS E OS RESTAUROS.

Myriam Salomão*

A pintura paulista produzida entre o final do século XVII e metade do XIX carece de estudos gerais quanto à autoria, cronologia, iconografia, inventário das obras e nos modelos que circularam e influenciaram essa produção.

A pesquisa em andamento é um inventário das pinturas existentes em São Paulo, Santos, São Roque, Embu, Itu e Mogi das Cruzes em coleções, nos acervos de museus, instituições diversas e nas igrejas instaladas nessas cidades a partir dos séculos XVII e XVIII. Consequentemente, enfoca os trabalhos atribuídos a Jesuíno do Monte Carmelo e José Patrício da Silva Manso, nomes que aparecem com frequência atuando nestas cidades juntamente com o ituano Miguel Dutra, profundo admirador de Jesuíno do Monte Carmelo outros quase desconhecidos, de quem nos chegaram informações imprecisas ou pouco estudados, mas que deixaram suas marcas na produção do período como José Jorge Pinto Vedras que criou e atuou na primeira escola de pintura em São Paulo entre os anos de 1846 e 1864.

Conforme já apontado em texto anterior (SALOMÃO; TIRAPELI, 2001, p.90-117), há poucos estudos sistematizados no caso da produção pictórica de São Paulo, principalmente sobre sua origem, relações de produção, aprendizado, mercado da arte, além dos problemas citados acima. Ou seja, também enfrenta problemas já observados há muitas décadas por Hannah Levy (1997, p.177) em relação à pintura colonial fluminense, e que se repetem para as pinturas baianas, nordestinas e mineiras, apesar das pesquisas realizadas por Carlos Ott (1982), por Clarival do Prado Valladares (1981 e 1998), por Carlos del Negro (1978) e por Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira (1982 e 2003).

Há poucos estudos sistematizados no caso da produção pictórica de São Paulo, principalmente sobre sua origem, relações de produção, aprendizado e mercado da arte. Foram estudadas em separado algumas personalidades de artistas que atuaram com mais destaque nas principais vilas e cidade do estado São Paulo nesse período. É o caso da monografia realizada por Mário de Andrade (1945) sobre o padre Jesuíno do Monte Carmelo, recentemente ampliada e comentada por Elza Ajzenberg (2003) e atualizada por Eduardo T. Murayama na sua dissertação de mestrado no que diz respeito às pinturas da Igreja da Ordem Terceira do Carmo de São Paulo

* Doutoranda em História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo da FAU/USP, Mestre em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da UNESP e licenciada em Artes Plásticas e Música pela mesma instituição.

(2010). Novos estudos de Maria Lucília Viveiros Araújo (1997) e Maria Lúcia B. Fioravanti (2006) têm revelado a obra de José Patrício da Silva Manso e de pintores que atuaram para os franciscanos da cidade de São Paulo, revendo e atualizando as informações do frei Adalberto Ortmann (1951) e de Dom Clemente Maria da Silva-Nigra (1954 e 1958). Contribuíram de forma relevante para o conhecimento do tema, o trabalho de Pietro Maria Bardi (1981) sobre Miguel Dutra e de Percival Tirapeli (2003, p.62-69) focando as pinturas decorativas do Embu e da capela de São Roque.

O período colonial paulista caracteriza-se por uma distinção em relação às demais regiões brasileiras, determinada por diversos fatores, entre os quais podemos destacar o relativo isolamento geográfico da região até o início do século XIX, gerando uma sociedade com poucos recursos econômicos, em sua maioria, e que nem sempre teve como arcar com as despesas da manutenção de uma atividade artística constante na capitania. Com isso, temos a sensação de que em São Paulo pouco existiu das consagradas expressões artísticas do período colonial – arquitetura, imaginária, música, talha e pintura – já que muitas dessas igrejas ruíram ou foram substituídas por outras no final do século XIX e início do século XX, época do desenvolvimento urbano e industrial da cidade de São Paulo. A formação de uma burguesia rica e ávida em mostrar uma cidade renovada e moderna segue e contrapõe-se à decadência de regiões até então participantes da economia agrícola do Estado, como Itu.

Se já encontramos grandes dificuldades em discorrer sobre a atenção dada à preservação das construções religiosas da região, quanto à pintura essas dificuldades são ainda redobradas e somam-se àquelas já citadas no início, sobretudo no que se refere às fontes.

Se no ano de 1937, Mário de Andrade nos lembra de que “no período que deixou no Brasil as nossas mais belas grandezas coloniais, os séculos XVII e XIX até fins do Primeiro Império, São Paulo estava abatido, ou ainda desensarado dos reveses que sofrera” (1984, p.73), atentando para o fato de que, no caso de São Paulo, o critério de julgamento tem de ser outro. Etzel fala de verdadeiras “jóias de família” (1974, p.132) que, por suas particularidades tão próprias, devem ser entendidas e analisadas em seu contexto, pois constituem “um núcleo característico, do Brasil-colônia: fechado, independente, agressivo e cioso de sua liberdade total” (ETZEL, 1974, p.133). Cabe verificar esses conceitos a luz de novos dados levantados a partir de uma documentação primária.

Também não há sobre esse período em São Paulo, um consenso entre os historiadores quanto à atividade do pintor ou ao seu estatuto; o fato que mais interessa é que existiram. Talvez ainda se mantivessem em São Paulo as mesmas relações corporativas de outros ofícios, com o aprendizado nas oficinas e o trabalho em grupo. Na documentação existente essa questão não é

esclarecida, reforçando a dúvida quanto aos nomes de diversos pintores, relacionados como ativos entre 1770-1800 nos livros das igrejas, se seriam de mestres-pintores ou de pintores de paredes. A determinação da compra do material como pigmento, poderia indicar o ofício.

Outras duas fontes são importantes para estabelecer uma cronologia fundamentada da pintura paulista: os inventários e os antigos livros das irmandades e das ordens e os inventários, legados e testamentos de particulares.

Há também uma terceira fonte relevante, a saber, o estudo dos restauros, pois apesar de não ser uma fonte direta, conforme aponta Hannah Levy (1997, p.183), constituem fontes documentais semintencionais, sendo raras as obras que chegaram inalteradas aos nossos dias. Exemplo dessa nova visualidade que se revela são os casos da Igreja da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, da Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte e da Capela de São Miguel Arcanjo.

A Igreja da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, ao que tudo indica, começou a ser construída em 1697, mas, seu aspecto atual é resultado de diversas reformas, sendo a última de 1922 e concluída em 1927. As pinturas do forro da nave, do coro e da capela-mor foram executadas entre 1796 e 1797, pelo padre Jesuíno do Monte Carmelo e, de acordo com Mário de Andrade (1945), Jesuíno primeiro pintou a nave, depois a capela-mor e, por último, o coro. Na nave, a pintura sobre o forro tem figuras apoiadas diretamente sobre a cimalha das duas laterais: três grupos de cada lado composto por quatro figuras de corpo inteiro em cada grupo representando santos e santas carmelitas (Fig.1). No centro há uma pintura de Nossa Senhora da Conceição que até o ano de 2010 estava escondida por outra executada por Pedro Alexandrino no final do século XIX, e só agora, após restauro em andamento, voltamos a visualizá-la (Fig.2).

Apesar de ser uma irmandade fundada em 1728, a Nossa Senhora da Boa Morte a princípio ficou estabelecida na Igreja do Carmo e não se sabe ao certo quando iniciou a construção de seu templo, apenas que a inauguração foi em 1810. Durante o trabalho de restauro iniciado em 2006 foi descoberta uma pintura com a cena da Coroação da Virgem no forro da capela-mor (Fig.3), escondida debaixo de grossas camadas de tinta, com partes perdidas, que só foi revelada quando os restauradores começaram o trabalho de prospecção (MAGALDI et al, 2009, p.73). As partes incompletas foram preenchidas com nova pintura a pedido dos integrantes da irmandade e, como não foi encontrado até o momento nenhum tipo de registro anterior dessa imagem, o preenchimento foi realizado após pesquisa iconográfica sobre o tema (Fig.4). Provavelmente datada do início do século XIX, despertou interesse nos restauradores devido a suas qualidades pictóricas, mas ainda exige pesquisa.

A Capela de São Miguel Arcanjo foi fundada em 1560 quando um grupo de índios Guaianazes ali se estabeleceu junto com padres jesuítas vindos do colégio de São Paulo. A atual capela foi construída em 1622, pois a antiga foi demolida devido ao seu estado de degradação. Sendo assim, ela é considerada a mais antiga do estado de São Paulo e marcou a chegada dos jesuítas na região. Nas prospecções realizadas para orientar os trabalhos de restauro da capela, foram descobertas pinturas nas paredes atrás dos retábulos laterais da nave (Fig. 5 e 6) e que trouxeram para os estudos do tema, a discussão de como tornar visível essa pintura.

Assim, a análise dos restauros realizados ou em andamento, permitirão um novo entendimento da pintura paulista, posto que ao se realizar tal empreitada, questões diversas são colocadas, desde o entendimento técnico da feitura daquela pintura, tudo que o tempo colocou ou retirou na obra, até o que se espera ver ou mostrar para o apreciador atual, ou seja, é uma nova pintura que se revela.

BIBLIOGRAFIA:

AJZENBERG, Elza. Padre Jesuíno do Monte Carmelo. In: TIRAPELI, Percival. Igrejas paulistas: barroco e rococó. São Paulo: Edunesp/ Imprensa Oficial do Estado, 2003. p. 70-75.

ANDRADE, Mário de. Padre Jesuíno de Monte Carmelo. Rio de Janeiro: SPHAN/ Ministério da Educação e Saúde, 1945. (Publicação n. 14)

ARAÚJO, Maria Lucília Viveiros. Os caminhos da riqueza dos paulistanos na primeira metade do Oitocentos. (Tese de Doutorado em História Econômica). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

_____. O mestre-pintor José Patrício da Silva Manso e a Pintura Paulistana do Setecentos. (Dissertação de Mestrado em Artes). Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

BARDI, Pietro Maria. Mestres, artífices, oficiais e aprendizes no Brasil. São Paulo: Banco Sudaméris, 1981.

_____. Miguel Dutra: o poliédrico artista paulista. São Paulo: MASP, 1981.

BRITO, Paulo Vinício de (Coord.). Capela de São Miguel Arcanjo. São Paulo: [s.n.], 2008.

CAMARGO, Paulo F. S. *A Igreja na História de São Paulo*. São Paulo: Inst. Paulista de História e Arte Religiosa, 1953. 9 v.

CERQUEIRA, Carlos Gutierrez. Capela de Santa Teresa da Venerável Ordem Terceira do Carmo da cidade de São Paulo. (Monografia). São Paulo: 9ª Coordenadoria Regional do IPHAN, 1995. Revisada e aumentada com os pareceres técnicos que subsidiaram o processo de tombamento 1176-T-85 (1996).

_____. (Org.). José Patrício da Silva Manso (1740-1801): um pintor de São Paulo colonial restaurado. São Paulo: 9ª Superintendência Regional do IPHAN, 2007.

COMAR, Michelle. Imagens de ébano em altares barrocos: as irmandades leigas de negros em São Paulo (séculos XVIII-XIX). (Dissertação de Mestrado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

ETZEL, Eduardo. *O Barroco no Brasil: psicologia – remanescentes em São Paulo, Goiás, Mato Grosso, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul*. São Paulo: Melhoramentos/ Edusp, 1974.

FIORAVANTI, Maria Lúcia Bigueti. *A pintura franciscana dos séculos XVIII e XIX na cidade de São Paulo: fontes e mentalidade*. (Dissertação de Mestrado em Estética e História da Arte). Museu de Arte Contemporânea, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

LEITE, José Roberto Teixeira. Negros, pardos e mulatos na pintura e na escultura do século XVIII. In: ARAÚJO, Emannel. (Org.) *A mão afro-brasileira: significado da contribuição artística e histórica*. São Paulo: Tenenge, 1988, p.12-53.

_____. *A pintura na Capitania de São Paulo*. In: MUSEU DE ARTE SACRA (São Paulo/SP). *Altares paulistas: resgate de um barroco*. São Paulo: Museu de Arte Sacra, 2005. Catálogo de exposição homônima no Museu de Arte Sacra de 18 dez. 2004 a 30 abr. 2005.

LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. *Notas sobre a arquitetura tradicional de São Paulo: capelas alpendradas de São Paulo*. São Paulo: FAU/USP, [19--]. Original datilografado.

LEVY, Hannah. *A pintura colonial no Rio de Janeiro: notas sobre suas fontes e alguns de seus aspectos*. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, n. 26, p. 177-216, 1997. Publicado originalmente in: *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, n. 6, p. 7-79, 1942.

_____. *Modelos europeus na pintura colonial*. *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, n. 8, p. 7-66, 1944.

MAGALDI, Cassia Regina Carvalho de et al. *Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte*. São Paulo: FormArte, 2009.

MARTINS, Judith. *Dicionário de Artistas e Artífices dos Séculos XVIII e XIX em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: IPHAN, 1974. 2 v. (Publicação n. 27)

MONTEIRO. Raul Leme. *Carmo patrimônio da história, arte e fé*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1978.

MURAYAMA, Eduardo Tsutomu. *A pintura de Jesuíno do Monte Carmelo na Igreja da Ordem Terceira do Carmo de São Paulo*. (Dissertação de Mestrado em Artes Visuais). Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2010.

MUSEU DE ARTE SACRA (São Paulo/SP). Altares paulistas: resgate de um barroco. São Paulo: Museu de Arte Sacra, 2005. Catálogo de exposição homônima no Museu de Arte Sacra de 18 dez. 2004 a 30 abr. 2005.

NEGRO, Carlos Del. Nova contribuição ao estudo da pintura mineira: norte de Minas – pintura dos tetos de igrejas. Rio de Janeiro: IPHAN, 1978. (Publicação n. 29)

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. A pintura de perspectiva em Minas Colonial – ciclo Rococó. Barroco, Belo Horizonte, Centro de Estudos Mineiros/UFMG, n. 12, p.171-180, 1982.

_____. O Rococó religioso no Brasil e seus antecedentes europeus. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

ORTMANN, Adalberto. História da Antiga Capela da Ordem Terceira da Penitência de São Francisco em São Paulo 1676-1783. Rio de Janeiro: DPHAN/ Ministério da Educação e Saúde, 1951. (Publicação n. 16)

OTT, Carlos. A escola baiana de pintura 1764-1850. Salvador: MWM, 1982.

SALOMÃO, Myriam; TIRAPELI, Percival. Pintura colonial paulista. In: TIRAPELI, Percival. (Org.) *Arte Sacra Colonial: Barroco Memória Viva*. São Paulo: Edunesp/ Imprensa Oficial do Estado, 2001. p.90-117.

TIRAPELI, Percival. *Igrejas Paulistas: barroco e rococó*. São Paulo: Edunesp/ Imprensa Oficial do Estado, 2003.



Figura 1: Pintura da nave da Ig. de N. Sra. do Carmo, com conjuntos de santos e santas carmelitas e ao centro, pintura de N. Sra. da Conceição. Fotografia realizada antes do restauro iniciado em 2010.



Figura 2: Pintura da nave após início do restauro já com a imagem da N. Sra. da Conceição pintada por Jesuíno do Monte Carmelo visível.



Figura 3: pintura encontrada no forro da capela-mor da Igreja de N. Sra. da Boa Morte.



Figura 4: pintura da capela-mor após o restauro. Algumas intervenções foram realizadas para completar a imagem a pedido da própria irmandade.

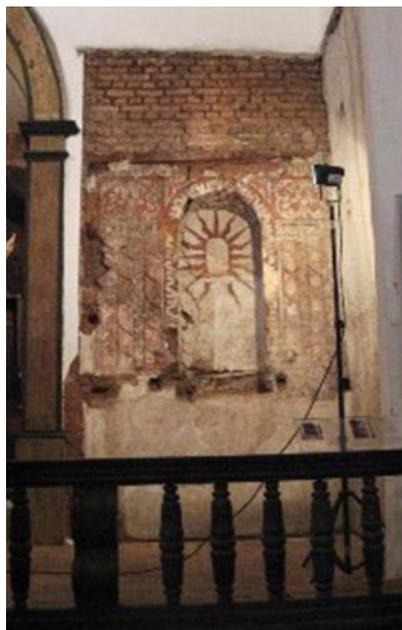


Figura 5: pinturas encontradas atrás do retábulo na Capela de São Miguel Arcanjo.



Figura 6: Detalhe da pintura anterior com colunas e sol.